

Profundidade e reconhecimento: da cosmovisão religiosa ao cuidado ambiental

Vision in-depth: from the religious cosmovision to the environment

Marcial Maçaneiro¹

Resumo

Considerando a questão ambiental e a consolidação da Ecologia como paradigma, o autor pondera sobre a contribuição das religiões neste contexto. Destaca particularmente a perspectiva de profundidade e reconhecimento, que marca a postura conectiva das religiões em face da Natureza, compreendida como obra do Criador. Profundidade que assinala a atitude epistemológica do *homo religiosus*; e reconhecimento que o abre à lógica da dádiva em face dos bens naturais. Assim, as religiões superam a abordagem meramente funcional da Natureza e favorecem a educação ambiental, com cinco aspectos específicos: medida da condição humana, consciência do limite, gratidão, corresponsabilidade, justiça.

Palavras-chaves:

Ecologia. Religiões.
Epistemologia.
Natureza.
Educação ambiental.

Abstract

Considering the present “environmental question” and Ecology as a paradigm, Author ponders about the contribution of Religions on ecological issues. He remarks particularly the Religion’s vision in-depth on Universe and gratitude for Nature’s resources, understood as Creator’s gifts. The religious vision in-depth on Universe qualifies a specific epistemology of Nature, characterized by connection between the *homo religiosus* and Nature in general. The religious gratitude for Nature’s resources develops the “logic of gift” in the human conscience. In this way, Religions overcome a merely functional approach on Nature, promoting the environmental education in five topics: measurement of human condition, conscience of limit, gratitude, co-responsibility and justice.

Keywords:

Ecology.
Religions.
Epistemology.
Nature.
Environmental education.

¹ Doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP. Professor de teologia das religiões na Faculdade Dehoniana (Taubaté, SP). Editor da revista “Teologia em Questão” (Faculdade Dehoniana). Email: marcialscj@hotmail.com

1 Introdução

Ao longo das últimas décadas, a chamada “questão ambiental” se consolidou como tema transversal para as Ciências e as Religiões, a Economia e os Governos, desafiando abordagens epistemológicas disjuntivas e aproximando os saberes, numa convergência de esforços em benefício da vida humana e planetária. Daí a releitura ecológica do patrimônio religioso, a troca de informação entre as gnoses ancestrais e as tecnologias recentes, a reaproximação entre sujeito e Natureza na reflexão filosófica e moral, com a exploração de interfaces entre Tecnologias e Humanidades, Ciências Naturais e Religião, Ética e Desenvolvimento.

Podemos constatar que a “ecologia” – em termos gerais – rompeu os contornos de um ramo específico da Biologia, na confluência das Ciências Naturais, e se tornou um paradigma abrangente e inclusivo: centrado na “teia biótica” que literalmente “enreda” a Natureza presente em nosso planeta, o *paradigma ecológico* perpassa e conecta a Demografia, a Indústria, a Educação, o Direito, a Saúde, a Política e a Moral. Isso não se opera, contudo, de um modo simples e linear, mas complexo e tensionado, através da revisão dos métodos, da autocrítica científica e institucional, com disposições para assumir novas agendas, com novas prioridades, em cada uma das esferas citadas. Assim, busca-se uma nova Epistemologia Ambiental (LEFF,

2006) que inclua a objetividade das Ciências Naturais (KÜNG, 2009), a preocupação ética e planetária (BOFF, 2012) e o diálogo inter-religioso (MAÇANEIRO, 2011).

Mirando a tal construção, não só técnica e funcional, mas também cultural e paradigmática, focamos nestas linhas a contribuição das Religiões, tomadas como tal: religação e releitura (*religio*), da parte do *homo religiosus*, que se conecta com o todo vital e interpreta sua condição humana na Terra, sob o Céu. Com efeito, as religiões nos oferecem preciosos registros ecofônicos – narrativas, mitologias, valores, emblemas e códigos – que dizem da relação humanidade/Natureza, sociedade/meio-ambiente, desde muito antes da classificação moderna (e geralmente disjuntiva) das Ciências do Homem e das Ciências da Natureza. Não se trata, obviamente, de um retrocesso aos mitos (em sentido factual ou psicológico), mas de uma escuta sapiencial (em sentido dinâmico e educativo) daqueles elementos postuladores da conexão sujeito-Natureza-sociedade, capazes de educar atitudes presentes e disposições futuras, em vista da continuidade da vida humana e planetária. Considerando os limites deste artigo, escolhemos dois elementos que caracterizam o olhar das Religiões sobre a Natureza (vista como Criação): profundidade e reconhecimento.

2 Além do observável

Antes da concretude dos minerais e do calor dos vulcões, inúmeras narrativas da

Criação partem de elementos considerados primordiais à vida, como a água, o éter cósmico

ou a luz. Na tradição abraâmica, a luz rompe a imensidão vazia e escura do caos, sob a potência criadora da Palavra divina: “E Deus disse: faça-se a luz” (Gn 1,3). Hoje, sabemos que além da luz está a irradiação; além da irradiação estão as ondas eletromagnéticas – todas remontando, na visão religiosa, à potência originária da Palavra: *kun fa-yakum!* – como diz o Alcorão (Sura 3,46): “Ele diz e é feito!”. Similarmente à potência da Palavra, as Ciências entreveem a força da energia no espaço cósmico: além das ondas eletromagnéticas está o quasar; além do quasar, a energia irradiada; além da energia irradiada, a gravidade; além da gravidade, o centro ou núcleo de irradiação (GLEISER, 2010). E mais uma vez, impõe-se o ignoto: este núcleo de irradiação pode ser mineral, gasoso ou energeticamente inverso, como o buraco-negro. Quando tudo parece concatenado segundo a simplicidade (quase mecânica) da linha causal, surge uma indagação: e além do buraco-negro, o que haveria?

O que conhecemos sobre o universo nos leva a outra indagação, como se o horizonte do ignoto nos antecipasse, descortinando vislumbres inéditos da realidade percebida. Que segredos o universo reserva sobre nós e sobre si mesmo, além do observável? Que narrativa se oculta na disposição de suas leis e de seus elementos? Como o acaso poderia ocorrer de modo tão concatenado, a ponto de suportar a vida? Estaria o universo sussurrando que a vida é um segredo contido nele potencialmente? Neste caso, a Palavra divina (na compreensão das religiões) seria metáfora de uma lei universal e misteriosa (KÜNG, 2009, p. 82-93)?

Seja como for, no universo há algo invisível além do visível, como a energia que

atravessa a matéria, a gravidade que regula as órbitas ou as antigas galáxias escondidas em sua distante e intensa luminosidade. A Física, a Astronomia e a Biogenética convivem com este horizonte ignoto e indagam continuamente sobre suas conquistas, revisando os padrões estabelecidos e admitindo o “não saber” como espaço para um “outro saber”. O ignoto não é limite estático, mas horizonte móvel que se expande ante nossos olhos à medida que o próprio universo se expande, alargando as fronteiras mapeadas pela nossa observação.

Este horizonte expandido, que desafia seguidamente o já conhecido com um novo descortinar do ignoto, as religiões chamam de *mistério*. Ele marcha à frente da nossa observação, mas também atravessa o percurso de tudo o que já conseguimos perceber e interpretar:

Olha-se e não se vê: chama-se invisível.

Escuta-se e não se ouve: chama-se inaudível.

Toca-se e não se sente: chama-se impalpável.

Essas três coisas não se podem indagar.

Por isso, mescladas, formam juntas uma só coisa.

No alto não é claro,

Abaixo não é escuro.

É inesgotável e não pode ser nomeado.

Remonta-se ao não-ser das coisas.

Chama-se forma sem forma; figura sem figura.

Não se pode compreender: é mistério.

Quem o encara, não vê seu rosto.

Quem o segue, não vê suas costas
(TAO-TE-CHING IV, 1.5.3)

Estas linhas do *Tao-te-ching* foram escritas aproximadamente 350 anos antes de Cristo (TSE, 1999). Entretanto, parecem anotações de algum astrônomo ao observar um buraco-negro; ou impressões de um físico

sobre a lente gravitacional de um quasar, capaz

de alterar as ondulações da luz.

3 A perspectiva da profundidade

Quando aproximamos as recentes descobertas da Astronomia e da Física Quântica à cosmovisão emblemática das religiões, notamos que algumas narrativas míticas não são simplesmente imaginativas, mas *interpretativas*: constituem o registro – cultural e historicamente situado – de uma percepção do universo que, ao lado de tudo o que já se conhece, admite que também o invisível e o inomeável façam parte da realidade. Assim, as religiões manifestam um olhar investigativo que não se reduz ao empírico e ao mensurável, pois elas se referem ao universo com três atitudes fundamentais: primeiramente, as religiões admitem o *ignoto*; em segundo lugar, elas lhe atribuem *profundidade*; em terceiro lugar, concebem que esta profundidade seja *reveladora*, guardadora da Palavra: o que antes era superficialmente ignoto, agora pode ser profundamente inteligível.

Assim, as religiões assumem o ignoto e o reintegram numa episteme que une *scientia* (conhecimento do distinto) e *contemplatio* (contemplação do todo), dinamizadas numa perspectiva de profundidade. A nosso ver, a passagem do ignoto ao profundo, na busca de uma inteligibilidade do universo, aproxima-se da nossa busca do *noumenon* além do *phainomenon* – que em tese deveria caracterizar o método investigativo, sobretudo para as Ciências Hermenêuticas.

3.1 Cabala Hebraica

A Cabala hebraica acena à profundidade do universo em dois movimentos: retorno à origem, que é a profundidade *ad infinitum*; e centramento interior, que é a profundidade *ad intra*. Assim, o universo conhecido não representa todo o real, pois Deus – que habita o *Ein-Sof* (Infinito) – teria criado outros mundos acima e antes do nosso. Nessa ótica, a profundidade de todas as coisas se revela à medida que as coisas mesmas se remetem ao “Infinito antecedente” como sua origem mais secreta. Este Infinito é o Pensamento divino, em que todas as formas criaturais convivem, antes de seu aparecimento no espaço/tempo:

Após ter criado vários mundos, o Eterno deu lugar em seu Pensamento à criação deste, em que nós vivemos. E quando esta última criação estava a ponto de ser cumprida, todas as coisas deste mundo, todas as criaturas do universo e tudo o que havia de ter vida e existir aqui embaixo passaram diante de Deus em suas formas atuais. Pois o que foi outrora também será no futuro; e o que será, já foi (*ZOHAR; IDRA RABBA*, apud BENSION, 2006, p. 107).

Já pelo movimento de centramento, a profundidade da Criação está em sua intimidade habitada pela *Shekiná* – a Presença divina em exílio no mundo:

Quando Deus criou o mundo, ele pôs as águas do oceano ao redor da terra. E, no coração do mundo habitado, Deus pôs Jerusalém. E no coração de Jerusalém, a montanha santa de Sion.

A montanha santa abriga o Sanedrin [conselho supremo], no coração do qual está o Templo. E no coração do Templo está o Santo dos Santos, onde repousa a Shekiná. E ela é o coração do mundo (*ZOHAR; IDRA RABBA*, apud BENSION, 2006, p. 112).

3.2 Hinduísmo

Em outra perspectiva, o Hinduísmo ensina que a realidade subsiste graças a Brahman: potência cósmica que sustenta todas as manifestações animadas e inanimadas, da luz aos corpos, das ondas eletromagnéticas à matéria sólida. Brahman é a inteligência ordenadora do mundo, impessoal e onipresente, coesa e fluente ao mesmo tempo. Todas as criaturas possuem uma porção interior de Brahman, que as habita secretamente: é o *atman* (sopro ou energia vital). Brahman espalha o *atman* em cada partícula da constituição cósmica, como irradiação de si mesmo nas coisas. Portanto, na profundidade do universo – em sua totalidade ou em cada parte que o constitui – se encontra o *atman*, forma latente do Brahman universal (BRANDON, 1975).

3.3 Culto de Orixás

Já o Culto de Orixás traduz *profundidade* em *sabedoria* ao ensinar que a vida se perpetua com equilíbrio quando respeitamos a *autonomia elemental* das forças da natureza. Terra, águas, ventos e fogo se combinam a partir de sua capacidade auto-organizadora, otimizando as virtudes intrínsecas a cada elemento. A autonomia elemental das forças naturais é representada pelos orixás: fogo = Xangô; terra = Obaluaiê; águas = Oxum e Iemanjá; ventos e

tempestades = Iansã; ar = Oxalá. Uma vez conhecidos e respeitados, permitem que a humanidade siga seu caminho de contínuos e descontínuos com criatividade e arbítrio, sem perder o sentido da felicidade. De seu lado, os orixás certamente cumprirão sua tarefa no intrincado arranjo da vida. Além disso, a associação de habilidades específicas a esses elementos – como o conhecimento curativo das plantas (Ossaim) e a forja dos metais (Ogum) – ensina que é possível desenvolver tecnologias *a partir* da natureza ou *além* da natureza, mas não *contra* ela (BARCELLOS, 2005).

3.4 Cristianismo

Outra intuição nos vem do Cristianismo: na intimidade de todas as coisas, visíveis e invisíveis, reside o Verbo, a Palavra criadora e sustentadora do universo. Esta Palavra se distingue do *logos* grego, pois se enraíza no conceito bíblico de *dabar* – a Palavra eficaz que o Criador profere sobre o mundo, com a força de seu Sopro (*Ruah / Pneuma*). Enquanto o *logos* grego é discurso e intelecção, o *dabar* hebraico é palavra-evento, cuja eficácia alicerça a Criação e revela o Criador (CTI, 2012, n. 6-9). Assim declara o Novo Testamento:

No princípio era o Verbo
e o Verbo estava com Deus
e o Verbo era Deus.
No princípio, ele estava com Deus.
Tudo foi feito por meio dele
e sem ele nada foi feito (João 1,1-3).

[...] Nele foram criadas todas as coisas,
nos céus e na terra,
as visíveis e as invisíveis.
[...] Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste (Col 1,16-17).

O Verbo sustenta o universo, agindo em sintonia com o Sopro Divino que tudo penetra: “O Espírito do Senhor (*Ruah*) enche o universo e mantêm coesas todas as coisas; nenhum murmúrio lhe escapa” (Sb 1,7). Juntos, Verbo e Sopro conferem profundidade ao conjunto das criaturas, dentre as quais a pessoa humana *imago Dei* (imagem e semelhança de Deus). Isso faz do universo uma *inscrição* do próprio Deus: nas criaturas visíveis e invisíveis Ele se diz, letra por letra, atributo por atributo. Somos convidados pelo próprio Criador a ler seu Nome inscrito na profundidade do espaço, do tempo, dos corpos, dos elementos, das substâncias, da matéria e das energias. A fé no Deus Criador permite que o fiel cristão passe das coisas visíveis àquelas invisíveis através da analogia. Tudo se inscreve na Palavra original; bem como a Palavra original se inscreve em tudo: esta “analogia” permite um conhecimento teológico do mundo e da humanidade, para além da “empíria”. É a inteligência exercida com fé, e a fé exercida com inteligência: *fides et ratio* (CTI, 2012, n. 61-73).

4 Reconhecimento

Além de conhecer e interpretar o mundo numa perspectiva de profundidade, as religiões o reconhecem como dom e obra da divindade, a nós confiada:

Aleluia: louvai a Deus!
Louvai a Deus nos céus, louvai-o nas alturas.
Louvai-o, vós todos os seus mensageiros.
Louvai-o, vós todos os seus exércitos.
Louvai-o sol e lua.
Louvai-o, vós todas, estrelas fulgurantes.
Louvai-o, céus dos céus e águas acima dos céus inferiores.

3.5 Islamismo

Também o Islã professa a noção de Palavra divina como potência criadora e operante: “Deus cria o que quer. Quando decreta alguma coisa, diz apenas *seja*, e ela é” (ALCORÃO: Sura 3,47). Deus, sendo Uno em grau absoluto, cria o mundo com a mesma unidade que o caracteriza. Disto se depreende o caráter semiótico da Criação: a diversidade dos astros, corpos, vegetais e minerais constituem “sinais” (*ayat*) da sabedoria e unidade de Deus. Esta sabedoria (*hikma*) e unidade (*tawhid*) são atributos do Criador que se refletem no universo. Por isso, a ciência é convidada a perscrutar a realidade evidente e não-evidente, na busca dos vestígios da sabedoria e unidade divinas – desde a totalidade ignota (os céus superiores inacessíveis ao ser humano) até cada partícula alcançada pela pesquisa: os astros, a luz e os organismos, com suas substâncias, células e átomos (KHALID, 2002). “Nisto tudo há sinais para os que sabem discernir” (ALCORÃO: Sura 30,22).

Louvai a Deus na terra, ó monstros de todos os abismos.
Fogo e granizo, neve e neblina, turbilhões que ouvís sua Palavra, montes e colinas, árvores frutíferas e todos os cedros, feras e animais, répteis e pássaros.

Pois sublime é seu Nome.
Ele é o Único,
infinito em majestade,
acima da terra e dos céus (*Zohar*: versão do Salmo 148)!

4.1 Fascínio e tremor

É no cenário da natureza que o *homo religiosus* intui as noções de infinito (pela imensidão celeste), de devir (através do ciclo solar e lunar), de renovação (no giro das estações e das colheitas), de potência (na força dos trovões e tempestades), de encanto (na sutileza do fogo) e de transcendência (no brilho longínquo das estrelas e no alto das montanhas). Essas vivências constituem “experiências originárias” e marcam a cultura de muitos povos. São vivências primordiais e estéticas, registradas nas mitologias e emblemas sagrados. A partir daí, mitos e ritos foram se consolidando de época em época: a hermenêutica religiosa se aprimorou e novas gerações foram introduzidas, ritualmente, no mistério da vida (CROATTO, 2001).

Desse modo, fascínio da natureza e sentimento de sacralidade dão-se as mãos no trajeto cultural dos povos. Não há percepção do Sagrado que não esteja inserida nas coordenadas da natureza, como ambiência objetiva para a inscrição subjetiva do Divino no coração humano. Assim, as cosmogonias míticas – com suas seguidas reedições – são testemunhas inequívocas da relação da humanidade com a natureza. Relação consciente, sensível, interpretativa. Deuses se apresentarão como sol, lua, árvores e fogo. Divindades habitarão os céus superiores, as tempestades, os mares e as profundezas do solo. Abismos celestes e terrestres se comunicarão na psique contemplativa do *homo religiosus*.

Nas experiências originárias do Sagrado, com todo o seu fascínio, a humanidade provará também o realismo de sua condição terrena: limitação diante da

infinitude; rupturas diante do devir; enfermidade diante da renovação; fraqueza diante da potência; temor diante do encanto; morte diante da transcendência. Deste modo, fascínio e tremor se cruzam na experiência do Sagrado. As narrativas religiosas atestam uma *relação* do homem com a natureza que – ao lado dos aspectos funcionais e de sobrevivência – vem acompanhada pelo fascínio e respeito:

Dono do mundo diante dos deuses,
Senhor de altíssima casa na corte do céu.
Arrasador que fere à direita.
Arrasador que fere à esquerda (Hino a Ogum: Culto de Orixás).

Que o céu se alegre! Que a terra exulte!
Estronde o mar e tudo o que ele contém!
Que o campo exulte, e o que nele existe!
As árvores da selva gritem de alegria,
diante de Adonai – pois Ele vem (Salmo 96,11-13: Judaísmo)!

Disse o Senhor Krishna:
Eu forneço calor e retenho a chuva.
Sou a imortalidade e a morte personificada.
Tanto o espírito quanto a matéria estão em mim (BHAGAVAD-GITA 9,19: Hinduísmo).

Foi Allah quem criou sete firmamentos e outro tanto de terras;
e seus desígnios se cumprem, nos céus e na terra,
para que saibais que Deus é onipotente:
Ele tudo abrange com sua onisciência (ALCORÃO, Sura 65,12: Islamismo).

Entretanto, hoje vivemos circundados de produtos industriais. Nossa relação com a natureza é, ordinariamente, mediada pela tecnologia. Arriscamos perder as coordenadas da natureza habituais ao *homo religiosus*. A poluição ofuscou nossa contemplação do céu e quase não enxergamos mais estrelas sobre nossas metrópoles. A água, turva e contaminada, não cintila sua simplicidade aos nossos olhos. Aos poucos, nos desvinculamos

da natureza, insensíveis à sua beleza (*fascinans*) e desatentos à sua sacralidade (*tremendum*): longe da atitude conectiva das religiões e sob a influência do pensamento disjuntivo, deixamos de ser interlocutores da Natureza, para ser seus usuários.

Cientes disso, procuramos remediar tal situação através da educação, da conversão de hábitos, da informação e da valorização de tudo o que seja orgânico, saudável, artesanal. Falamos em “reencantar a natureza” no sentido de restabelecer nosso vínculo, fascínio e respeito pela Terra. Neste sentido, as religiões podem contribuir pedagogicamente com a ecologia, reeducando-nos ao vínculo com a natureza, ao fascínio pelo universo e à sacralidade da vida.

4.2 A lógica da dádiva

Com seu olhar de sacralidade sobre o meio vital, as religiões vão além do horizonte físico e técnico. Ritos e escritos falam dos benefícios da natureza como dons do Criador. Ao fascínio e tremor o fiel acrescenta o reconhecimento da dádiva:

Aquele que dá o sopro e o vigor, a cujas instruções todos se conformam, inclusive os deuses; aquele de quem morte e não-morte são apenas uma sombra: qual é esse deus para que o sirvamos com nossa oblação?

Aquele que firmou o céu robusto e a terra, que fixou o sol e a abóbada celeste, que mede o espaço na atmosfera: qual é esse deus para que o sirvamos com nossa oblação?

Aquele que por seu poder abrangeu com o olhar as águas, portadoras de energia, geradoras do sacrifício; aquele que foi deus único entre os deuses: qual é esse deus para que o sirvamos com nossa oblação (RIGVEDA X,121: Hinduísmo)

Bendito sejas tu, Senhor nosso Deus,
rei do universo,
Criador do fruto da vinha.

Bendito sejas tu, Senhor nosso Deus,
rei do universo,
Criador dos frutos da terra. (HAGADÁ
DE PÊSSAH: Judaísmo)

Acaso não dispusemos a Terra como um leito e as montanhas, como estacas de uma tenda? E vos criamos todos em casais. E fizemos do vosso sono um repouso. Criamos a noite como um manto; e o dia, como tempo propício para a vida. E estabelecemos, por cima de vós, os sete firmamentos; e neles pusemos uma luz resplandecente. Enviamos das nuvens a chuva copiosa, para produzir, por meio dela, os cereais, as plantas e frondosos jardins (ALCORÃO: Sura 78,1-16: Islamismo).

Seguindo o ciclo lunar e solar, as religiões medem o tempo para estabelecer marcos culturais: ritos de plantio e fecundidade; festa das colheitas; oblação das primícias; ceias sagradas com vinho e pão, leite e mel. Também as tecnologias e habilidades – como a agricultura, a pecuária, a forja, a olaria, a caça, a tecelagem, a navegação, o cálculo e a escrita – são referidas à divindade. Há deuses associados a cada uma dessas atividades, os quais manifestam poder e bondade ao ensinar aos humanos os seus segredos. No *Livro da Sabedoria*, o autor declara:

Em seu poder, o Eterno mantém a nós e nossas palavras,
todo saber e toda ciência das técnicas.
Foi ele quem me deu o conhecimento exato do real.
Ensinou-me a estrutura do universo e a atividade dos elementos,
o começo, o fim e o meio dos tempos,
as alternâncias dos solstícios e as mudanças das estações,
os ciclos do ano e a posição dos astros,
a natureza dos animais e a fúria das feras,
o poder dos espíritos, os pensamentos dos humanos,
a variedade das plantas e a virtude das raízes (Sb 7,16-20).

Cheio de reconhecimento, o *homo religiosus* segue a lógica da dádiva. As habilidades agropecuárias, artesanais e terapêuticas são exercidas com reverência e

louvor à divindade, Ainda hoje, após o avanço da industrialização, a lógica da dádiva perdura nos ritos, na linguagem e na espiritualidade das religiões como paradigma consolidado. O reconhecimento do dom divino faz perceber a pequenez humana e inspira pedidos que são, ao mesmo tempo, expressões de gratidão:

Aquele que é conhecimento e
consciência e vontade,
luz imortal nas criaturas, sem o qual
nenhum trabalho se realiza,

o Pensamento: seja-me propício o que
ele concebe (YAJURVEDA:
Hinduísmo)!

A terra produziu o seu fruto:
Deus, o nosso Deus, nos abençoe!
Que Deus nos abençoe
e todos os confins da terra o temerão
(Salmo 67,7-8: Judaísmo)!

Recebei, ó Pai, estas oferendas,
como recebestes a oferta de Abel,
o sacrifício de Abraão
e os dons de Melquisedek (CÂNON
ROMANO: Cristianismo).

5 Conclusão

Atravessamos um tempo de crise ambiental e câmbio de paradigmas. Numa tentativa coordenada e proativa – sobretudo da parte das Ciências, Governos e Educação – buscamos rever nosso lugar no planeta, educando-nos ao cuidado ecológico a partir de motivações profundas, que integrem Ecologia Ambiental e Ecologia Humana. Precisamente aqui se inclui a contribuição das religiões, com seus elementos hermenêuticos, éticos, societários e educativos: todos os saberes e âmbitos de responsabilidade humana são interpelados à cooperação interdisciplinar, internacional e inter-religiosa, em benefício da vida humana e planetária.

Como vimos, as religiões favorecem uma perspectiva de *profundidade* e *reconhecimento* à percepção cultural, política e científica do mundo, com efeitos potencialmente benéficos: aproximação da física e da metafísica numa visão holística do mundo; integração do ignoto numa epistemologia que vai além da racionalidade instrumental; interação dos acervos técnicos e simbólicos educadores da humanidade; contribuição das religiões para uma ética planetária. Desse modo, o invisível e o ignoto,

mais que nos reter na ignorância, despertam-nos para a *epistemologia complexa* de estatuto dinâmico e interdisciplinar, atenta à Ética e promotora do conhecimento integral (PENA-VEGA, 2005).

À epistemologia complexa deverá somar-se uma adequada educação ambiental, igualmente superadora da postura mecânico-funcional, que promova uma relação inclusiva entre Humanidade e Natureza. Cremos que nesta direção aponta a “lógica da dádiva” apreçoada pelas religiões, com cinco aspectos fundamentais:

Medida da condição humana – Acolher o dom recebido (de Deus, da Natureza ou do outro) é despertar da ilusão de autossuficiência; é superar o egoísmo coletivo da espécie humana e o domínio unilateral da Natureza; é reconhecer nosso justo lugar na Terra. Pois a nossa condição de seres intelectual-emocionais – dotados de percepção simbólica e invenção técnica – não nos coloca *fora* ou *contra* a natureza, mas nos permite uma inserção ainda mais profunda e integrada na teia vital, onde tudo se conecta.

Consciência do limite – A exploração irresponsável dos recursos naturais e sua mercantilização prejudicaram os fins legítimos do desenvolvimento integral, além de ofuscar nossa percepção do “limite”. A Terra parecia provedora inesgotável de água, alimento, oxigênio e energia. Seguir a lógica da dádiva é admitir o limite do planeta e agir como humanidade que nada possui, mas muito transforma, porque tudo recebe da Terra.

Gratidão – A ação de graças e o louvor pelos dons recebidos, transformados e repartidos é valor habitual nas religiões. Mas seu significado ultrapassa a identidade religiosa, pois a gratidão é uma virtude humana universal. As religiões nos sugerem a cultivar a capacidade de reconhecimento, de memória da dádiva, de louvor pela vida recebida e doada. A gratidão é, portanto, uma virtude relacional, vinculante, conectiva: educa para a relação, para a reciprocidade (ainda que assimétrica) entre Deus e a humanidade; entre a humanidade e a Terra.

Corresponsabilidade – Todos nós que habitamos a Terra somos responsáveis pela dádiva recebida. Florestas, ar, solo fértil, energia, grãos, fármacos, clima, minerais e energia “respondem” pela nossa sobrevivência;

e nós também devemos “responder” pelo usufruto desses bens em nível pessoal, industrial e governamental. Assim funciona o “núcleo vital” da responsabilidade e da corresponsabilidade. Quem mede com justeza sua condição humana, ciente do limite da Natureza e grato pelo que recebe, esse é sujeito responsável.

Justiça – Os bens da Natureza se destinam a toda a humanidade, sem distinção de etnia, crença ou classe social, porque são dádivas do Criador. Portanto, a água, o ar, as sementes, o solo e seus frutos, os fármacos e a identidade genética humana devem ser considerados como *direito humano* e *bem comum*. Embora tenham valor monetário, jamais se reduzem à mera mercadoria. Sua gestão (pública ou privada) deve orientar-se pela ética universal do bem comum; e o acesso de todos a esses bens é um imperativo da justiça. O reconhecimento dos recursos vitais como *direito* originou a noção de “justiça ambiental”: de um lado, temos o direito de acesso aos bens vitais disponíveis na Natureza; de outro, temos o dever de beneficiar sua preservação, manutenção e renovação.

Referências

BARCELLOS, Mario César. **Os orixás e o segredo da vida**: lógica, mitologia e ecologia. 4ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

BENSION, Ariel. **O Zohar**: o livro do esplendor. São Paulo: Polar, 2006.

BOFF, Leonardo. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRANDON, S. G. F. (dir.). Cosmogonía (Hinduismo). In: **Diccionario de religiones comparadas** vol. 1. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975, p. 426-427.

_____. Cosmología (Budismo). In: **Diccionario de religiones comparadas**. vol. 1. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975, p. 430-433.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2001.

CTI – Comissão Teológica Internacional. **Teologia hoje**: perspectivas, princípios, critérios. Disponível em <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_doc_20111129_teologia-oggi_po.html#3.1_A_verdade_de_Deus_e_a_racionalidade_da_teologia>. Acesso em: 11 dez. 2013.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Lisboa: Cosmos; Santos: Martins Fontes, 1977.

GLEISER, Marcelo. **Criação imperfeita**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

HAUGHT, John. **Cristianismo e ciência**: para uma teologia da natureza. São Paulo: Paulinas, 2009.

KHALID, Fazlun. Islam and Environment. In: **Encyclopedia of Global Environmental Change**. vol. 5. Chichester: John Wiley & Sons, 2002, p. 332-339.

KÜNG, Hans. **O princípio de todas as coisas**: Ciências Naturais e Religião. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

MAÇANEIRO, Marcial. **Religiões & Ecologia**: cosmovisão, valores, tarefas. São Paulo: Paulinas, 2011.

, Gabriel (trad.); ALLAM, Khaled F. (introd.). **Il Corano**. Torino: UTET, 2008. Tradução do

Alcorão para o italiano, com texto árabe a confronto, notas críticas, glossário e orientações hermenêuticas, editado pela UTET (Itália).

NASR, Helmi (trad.). **Nobre Alcorão**. Al-Madina: Liga Islâmica Mundial, [s./d]. Tradução do sentido do Alcorão para o português, com texto árabe a confronto, patrocinada pelo Governo da Arábia Saudita.

PENA-VEGA, Alfredo. **O despertar ecológico**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

PRABHUPADA, Swami (trad.). **Bhagavad-Gita como ele é**. 2. ed. Los Angeles/São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 1995. Tradução do Bhagavad-Gita para o português, com texto sânscrito a confronto, editado por TBTT.

SHARMA, Arvind. **Our religions**. New York: Harper Collins Publishers, 1993.

SOTER. **Sustentabilidade da vida e espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 2008.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. A potência espiritual da matéria. In: **Hino do universo**. São Paulo: Paulus, 1994.

TERRIN, Aldo Natale. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.

TSE, Lao. **Teo te ching**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999.

VERGER, Pierre. **Orixás**. Salvador: Corrupio, 1981.

Artigo recebido em 29 de outubro de 2013.
Aprovado em 04 de dezembro de 2013.